

Via respiratória sofre mais

O solo muito seco e o arraste que o vento faz, movimentando grande quantidade de partícula em suspensão, causam bastante incômodo ao brasiliense e contribui para agravar os problemas respiratórios. A observação foi feita ontem pelo engenheiro Rodney Ritter Morgado, chefe da Divisão de Normalização Ambiental do Ibama, um dos criadores em 1986, do Programa de Controle da Poluição do Ar por Veículos Automotores. Segundo ele, em Brasília a poluição é de causa natural, mas entre as poluições provocadas, a emissão de monóxido de carbono pelos carros é, notadamente, a de maior peso.

Rodney Morgado ressaltou que apesar de não reunir poluentes agressivos ou tóxicos, a poeira suspensa comum na estiagem é no mínimo incômoda e perniciosa à saúde. Ele lembrou que o Programa estabeleceu medidas corretivas para veículos novos

que a partir de 1992, ao saírem das fábricas, deverão lançar em torno de 12 gramas de monóxido de carbono por quilômetro. Cinco anos depois, as fábricas deverão aperfeiçoar ainda mais os seus mecanismos a fim de que estas emissões sejam de apenas dois gramas por quilômetro.

Muitas fábricas, segundo Rodney Morgado, se antecipam à legislação e já ajustam os veículos para lançarem menos de 10 gramas por quilômetros, graças à competitividade. "Entretanto, a constante alteração das especificações dos combustíveis tem criado embaraços a este objetivo e pode acabar prejudicando o programa" salientou o engenheiro. Para ele, a melhoria da qualidade do ar se dará, evidentemente, com a mudança de toda a frota, mas diante da impossibilidade de controlar todos os veículos em circulação, "a manutenção dos níveis de emissões atuais já é uma contribuição".